

REPRESENTAÇÃO SOCIAL ACERCA DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR PARA IDOSOS DE UM MUNICÍPIO DO OESTE DE SANTA CATARINA

Jeane Samara Zucchi¹

Carmen Lúcia Arruda de Figueiredo Dagostini²

RESUMO

A Violência Intrafamiliar contra a Pessoa Idosa é vista como algo “normal” e “cultural”, pois muitas vezes a sociedade trata o idoso como um objeto passível de descarte a qualquer momento, não demonstrando cuidados sociais, especialmente dos familiares para com aquele que envelhece. O objetivo nesta pesquisa qualitativa foi investigar a representação social acerca da violência intrafamiliar para idosos de um município do Oeste de Santa Catarina. As entrevistas foram realizadas no ambiente domiciliar do idoso, gravadas e, posteriormente, transcritas para análise de conteúdo. A partir da análise de coleta de dados identificaram-se relatos de violência intrafamiliar e abandono, assim como drogas, religião, educação e herança como potencializadores da violência intrafamiliar contra a pessoa idosa. Concluiu-se que existe a naturalização da violência pelos idosos, numa perspectiva de que o vitimizador deve ser protegido pela vítima, sobressaindo-se às crenças de amor e união num ambiente onde se propaga a violência. Palavras-chave: Violência intrafamiliar. Idosos. Família. Propagação da violência.

1 INTRODUÇÃO

A expectativa é que por volta do ano 2025 a população de idosos será de mais ou menos 32 milhões. Desse modo, a velhice passa a se tornar um problema social (MAIA; CASTRO; JORDÃO, 2010), complexo e crescente, com entraves sociais, pessoais e familiares, visto que a velhice entra como uma categoria social e culturalmente construída, possuindo um componente preconceituoso e estereotipado que a associa a múltiplas patologias, denotando um período vital fragilizado e debilitado, estando, assim, relacionada a uma fase negativa do curso da vida (MAIA; CASTRO; JORDÃO, 2010).

Em se tratando da velhice como um problema social, é possível observar que a sociedade não está preparada para lidar com esse público, visto que os idosos são tratados como objetos que não possuem mais prestígio e que devem ser descartados. Sob tal ótica, é possível verificar a presença da violência enraizada dentro da sociedade, assim como no próprio ambiente familiar do idoso, seja física, psicológica, financeira, afetiva, sexual, negligência, abandono, entre outras.

Em geral, os idosos economicamente melhores são levados para instituições de longa permanência para idosos, enquanto aqueles com condições inferiores acabam abandonados em seus lares. Mesmo aqueles que passam a conviver sob o mesmo teto de sua família vivem em um ambiente de tensão e medo de que, a qualquer momento, a família possa se negar a ajudar. Além disso, pode haver um acelerado aumento do processo de finitude do idoso, tanto pela família quanto pelo próprio idoso, deixando, dessa maneira, de ser um “fardo” (FERRETO, 2010).

¹ Graduanda no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; samara_jeane@hotmail.com

² Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba; carmen.dagostini@unoesc.edu.br

A violência se propaga com intensidade nos lares dos idosos, assim, diante de tal situação sentiu-se a necessidade de investigar por meio de uma questão central: qual a representação social dos idosos em relação à violência intrafamiliar?

Para responder a essa questão se faz necessário compreender as chamadas representações sociais (RS), que são concomitantes de grupos sociais que se comunicam e interagem entre si a respeito de assuntos do cotidiano. As RS são construídas por meio de imagens e significados, o que permite ao indivíduo e à coletividade, ao falar de determinado objeto, remeter-se ao pensamento pelo qual se reportam a ele, mesmo não estando presente (MOSCOVICI, 2003). Para Jodelet (2001), as RS se tornam necessárias “porque nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e eventualmente posicionar-se frente a eles de forma defensiva.”

2 VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR

Com o acelerado aumento da expectativa de vida a população brasileira está envelhecendo rapidamente. Os idosos ficam à mercê da sociedade e de famílias sem preparo, que os enxergam como um peso e como pessoas sem valor, não estando preparados para se responsabilizar por seus velhos, fato que se torna um dos potencializadores da violência contra a pessoa idosa.

A violência é considerada um fenômeno cultural e, muitas vezes, um acontecimento normal, em que “a sociedade e muitos dos idosos consideram que as condutas são normais da idade” (SÃO PAULO, 2007), tornando-se uma relação social conflituosa, na qual os agressores buscam posições, domínios e vantagens em uma estrutura que lhes garantam poderes reais ou simbólicos em detrimentos de outros (FALEIROS et al., 2009).

Comumente, a violência ocorre dentro do âmbito familiar, corrompendo o direito do idoso, em que a família tem o dever de prover cuidados e zelar pela saúde, integridade e convivência social e comunitária (BRASIL, 1988). A violência intrafamiliar torna-se uma das questões mais complexas, uma vez que envolve a família nuclear dos idosos e se trata de um processo circular, em que o mais forte tem poder sobre o mais fraco, cujo poder implica submissão do mais fraco por meio de estratégias, mecanismos, dispositivos e arranjos que o levam a curvar-se perante o mais forte (FALEIROS et al., 2009, p. 2), provocando abusos físicos, psicológicos e sexuais, abandono, negligência, abuso financeiro, autonegligência (MINAYO, 2005) e, em muitos casos, até mesmo a morte.

Pode-se compreender a violência intrafamiliar como:

Toda e qualquer ação ou omissão que prejudique o bem estar, a integridade física e psicológica, ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um integrante do núcleo familiar. Pode ser cometida dentro ou fora de casa, por qualquer membro da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida e inclui também as pessoas que exercem a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue. (BRASIL, 2001, p. 15).

Na maior parte dos casos, os agressores são filhos e filhas, e as mulheres são em maior proporção as vítimas, conforme Faleiros (2007). Segundo Alves (2008), os agressores e as pessoas responsáveis pelos maus-tratos aos idosos, residindo no mesmo domicílio, utilizam-se da proximidade para coagir e ameaçar a pessoa idosa, minimizando as possibilidades de denúncia e motivação do idoso em procurar ajuda.

Agregado à violência intrafamiliar, a violência manifesta-se de diferentes maneiras, sendo elas: negligência, a qual se refere à omissão de cuidados e no atendimento às necessidades do idoso por vontade própria; violência financeira, que se caracteriza pela exploração ou posse dos bens ou dinheiro do idoso, sem seu consentimento ou com uso de ameaça por parte do agressor; violência afetiva, que

se configura no abandono da família, sem a manutenção dos laços afetivos, independentemente se a família presta auxílio financeiro ou não; violência psicológica, que se trata de agressões verbais, gestuais e restrições na vida social e familiar do idoso, de forma direta ou velada; violência social, que priva o idoso da participação e interação com amigos, familiares, grupos e comunidade ao seu redor; abandono, quando aquele que deveria zelar pelo idoso o abandona, sem informação de contato ou sem repassar o dever de cuidado a outro; violência sexual, que se configura por insinuações sensuais e prática sexual indesejada por meio de ameaça ou violência; violência física, que é a agressão física ou a indução a acidentes, por intolerância, vingança, implicância ou qualquer outro motivo; e violência institucional, quando o idoso recebe atendimento de má qualidade, baseado numa relação de hierarquia entre quem trabalha na instituição e quem deveria receber auxílio (ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL, [2017?]).

Minayo (2005) elucida mais duas maneiras de violência: autonegligência, que diz respeito à conduta da pessoa idosa que ameaça a sua própria saúde ou sua segurança, pela recusa de prover cuidados necessários a si mesma; e violência medicamentosa, quando a administração medicamentosa feita por familiares, cuidadores e profissionais é feita de forma indevida, aumentando, diminuindo ou excluindo os medicamentos.

Outro potencializador relevante para o desenvolvimento da violência é a plataforma socioeconômica, em que as dificuldades fazem com que o indivíduo persiga o idoso para conseguir com que este lhe repasse suas economias, podendo tornar-se dependente dele. Ademais, a família pode considerar que o idoso é uma despesa a mais para ser dividida, acarretando discórdias e violações de direitos (FALEIROS et al., 2009).

Minayo (2003) expõe que a impossibilidade de falar dos maus-tratos está implicada com o constrangimento ou por temerem punições e retaliações de seus agressores. O segredo ou conluio familiar faz com que os idosos violentados não denunciem seus agressores, devendo-se, sobretudo, à vinculação à honra, à cumplicidade, à confiança e também pelo autoritarismo do agressor, provocando na vítima medo em quebrar a confiança construída dentro do ambiente familiar (FALEIROS, 2007). A Secretaria de Saúde de São Paulo, no *Caderno de Violência Contra a Pessoa Idosa*, complementa: “muitas vezes, em defesa do agressor (filho, filha, neto, neta...) o idoso se cala, omite e muitas vezes, somente a morte cessará a cadeia dos abusos e maus tratos sofridos.” (SÃO PAULO, 2007).

Dentro desse contexto, apurar a representação social em relação à violência intrafamiliar contra a pessoa idosa para idosos é de suma relevância social e acadêmica, pois são fundamentais a criação e o aprimoramento de políticas públicas que resguardem e zelem pela integridade, saúde física, emocional e psicológica dos idosos, assim como exponham para a sociedade os sentimentos e representações dos idosos sobre uma temática polêmica e pouco falada pelo corpo social.

3 METÓDO

Trata-se de uma pesquisa de opinião, com abordagem qualitativa, realizada com 31 idosos escolhidos de forma intencional, com subsídio de uma instituição de um município do Oeste de Santa Catarina, com idade igual ou superior a 60 anos, que sofreram ou não algum tipo de violência intrafamiliar.

Os dados da pesquisa foram coletados a partir de uma entrevista semiestruturada, já que, segundo estudos, esse tipo de entrevista é muito comum em pesquisas com idosos, por se tratar de uma técnica que concede maior flexibilidade para trabalhar com esse grupo específico e por não ser inteiramente focalizado e, desse modo, menos cansativo (GOMES; OLIVEIRA; ALCARÁ, 2016). Os participantes da pesquisa foram contatados e entrevistados em seus domicílios, sendo informados dos objetivos da

realização da pesquisa, e, em seguida, os idosos que concordaram em participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, impresso em duas vias.

As entrevistas foram gravadas com o intuito de manter a fidedignidade dos dados coletados, além de possibilitar maior número de informações para posterior análise. Foi assegurado o sigilo da pessoa entrevistada, sendo que cada entrevista durou entre 30 e 60 minutos, aproximadamente. As perguntas realizadas tiveram o objetivo de identificar a representação social da violência intrafamiliar para os idosos. As principais questões a serem discutidas foram: Qual sua opinião em relação à violência cometida contra os idosos dentro da família? Quais são os principais motivos para a ocorrência da violência? A partir dessas questões e por intermédio das demandas trazidas pelos idosos, foram realizadas perguntas auxiliares consideradas oportunas. Findadas as entrevistas, estas foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo, sendo possível identificar conteúdos de violência e questões pessoais dos motivos que levam os familiares a cometerem a violência. Destaca-se que esta pesquisa seguiu todos os preceitos éticos e políticos referentes a pesquisas com seres humanos, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) sob n. 2.727.787, da Fundação Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc) Joaçaba.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O grupo participante desta pesquisa apresentou um total de 31 idosos. Dentre estes, 38,7% não foram localizados; 6,45% mudaram-se de cidade e/ou de bairro, não sendo possível a localização; 16,12% é casal, dos quais em 6,45% a mulher respondeu, em 3,22% o homem respondeu e em 6,45% o casal respondeu; 3,22% sofreram óbito recente e 19,35% residem sozinhos. Dessa forma, foram entrevistados somente 51,61% da população pretendida para a pesquisa.

Quadro 1 – Identificação dos idosos segundo numeração, idade, sexo, estado civil, religião e situação econômica

Idoso	Idade (em anos)	Sexo	Estado civil	Religião	Situação econômica
Idoso 01	81	M	Viúvo	Católico	Aposentado
Idoso 02	81	F	Casada	Católica	Aposentada
Idoso 03	73	M	Casado	Evangélico	Aposentado por invalidez
Idoso 04	75	F	Viúva	Católica	Aposentada
Idoso 05	77	F	Viúva	Católica	Duas aposentadorias
Idoso 06	61	F	Viúva	Católica	Pensão + Aposentadoria
Idoso 07	70	F	Viúva	Católica	Aposentada
Idoso 08	65	F	Casada	Evangélica	Sem benefício
Idoso 09	69	M	Divorciado	Católico	Aposentado por invalidez
Idoso 10	80	F	Casada	Católica	Aposentada
Idoso 11	88	M	Casado	Católico	Aposentado
Idoso 12	94	F	Casada	Católica	Aposentada
Idoso 13	94	M	Casado	Católico	Aposentado

Fonte: os autores.

É importante observar que 61,53% da população entrevistada são do sexo feminino, enquanto apenas 38,46% são do sexo masculino; 38,46% são viúvos; 53,84 são casados, e 7,69 são divorciados; 84,61% são de religião católica, e 15,38% são de religião evangélica; 76,92% possuem mais de 70 anos, e 23,07% possuem menos de 70 anos; todos têm filhos. Todos os idosos da pesquisa são responsáveis

pelos seus domicílios. Em relação à moradia, dos 13 idosos, sete residem sozinhos e seis residem com filhos, sendo que somente uma idosa não é aposentada e não recebe nenhum outro tipo de benefício, dependendo de seu marido para sustentá-la, incluindo a filha mais velha (44 anos) que reside junto com o casal. Afirma Tortosa (2004, p. 47) que essa falta de perspectiva, aliada à dependência econômica, pode ser considerada fator de risco para a ocorrência dos maus-tratos. Os outros filhos que residem com os pais possuem trabalho próprio.

Em relação à situação econômica, oito idosos são aposentados, dois são aposentados por invalidez e dois idosos recebem duas aposentadorias e usam os benefícios para a manutenção da casa e seu sustento. Observou-se que dos idosos que recebem ajuda de seus filhos é somente para medicamentos e serviços de saúde; há, ainda, um idoso que recebe ajuda financeira de seu filho para pagar o aluguel da casa onde vive. Apenas um casal de idosos recebe assistência dos filhos em todas suas necessidades.

Dos 13 participantes, a autonomia e a independência apresentavam-se preservadas. Em relação à saúde física, foram apresentadas as seguintes doenças: asma, diabetes, pressão alta, mal de Parkinson, gastrite, fibromialgia, câncer, esclerose crônica, catarata, doença cardiovascular, incluindo acidente de trabalho, que impossibilitou o idoso de trabalhar. O Idoso 13 relata que “a nossa doença é a velhice.” (informação verbal).

Os medicamentos são adquiridos pelos próprios idosos, nos postos de saúde e/ou na farmácia municipal. Em relação à ocupação dos idosos, estes frequentam a igreja, pescam, limpam a casa, frequentam o grupo de idosos de seus bairros, saem com os amigos, e apenas uma idosa refere que sua única ocupação é ir ao médico.

A relação intrafamiliar se articula com as relações sociais. A família não está separada da sociedade; ela sobrevive e vive em condições sociais determinadas de produção, cultura, distribuição de riqueza e de acesso a oportunidades e política. A violência intrafamiliar é um processo complexo de interseção e combinação de dinâmicas e da estrutura familiar com a dinâmica e a estrutura social (FALEIROS et al., 2009), como visto no relato da Idosa 2 (81 anos): “é o tipo de criação dos filhos, antigamente criavam perto das famílias e hoje são criados na rua e nas drogas.” (informação verbal).

A Idosa 5 também se refere ao tipo de “criação” mencionando: “eu acho que é a educação que tem nos dias de hoje; hoje não se pode mais sorrir, não se pode mais dar um exemplo; às vezes têm criancinhas que você não pode ir à casa dos pais que eles te mandam ‘calar a boca’, e os pais admitem né.” Refere-se, ainda, às leis de proteção à criança como potencializadoras de uma má educação: “mas vamos fazer o quê, a lei é um pouco culpada também, não pouco, bastante; as crianças já sabem ‘não me dê um tapa porque eu vou dar queixa’, e eles vão mesmo, pode ser criança mas eles vão, eles já sabem tudo”, e complementa: “o mais importante é, não precisa sorrir, é só não deixar fazer o que não deve.” (informações verbais).

Os valores familiares e a religião também podem ser observados:

eu não era assim com a minha família, sempre fiz o possível, mas deixar eles responderem para os mais velhos e deixar toda liberdade, nunca fiz isso; porque a gente tem que ter autoridade; Jesus mesmo diz na Bíblia que ‘umas varada’ numa criança é o bem pra ela, pra ela não sofrer quando for mais velha né [...]” (Idosa 5). “Eu nunca fiz nada pra minha mãe e nem pra minha sogra; é saber o tipo de expressão que tu vai dar pra aquela senhora, pra pode tu receber.” (Idosa 8) (informações verbais).

A religião também é observada como suporte e segurança: “mas eu me agarro em Deus, eu sou evangélica, eu tenho que acreditar, não importa a religião, Deus é um só, o que me segura é isso aí.” (Idosa 8); “sempre fui fiel a Deus.” (Idosa 10) (informações verbais).

A falta de religiosidade ou um espírito ruim também são mencionados pelos idosos como determinantes da violência: “eu pra mim acho que tem uma coisa que ataca ela, um espírito ruim.” (Idosa 8). A Idosa 7 refere: “eu nunca fui em outras igrejas [...] é aqueles que não vão na igreja, porque eles não conhecem a Deus.” (informações verbais).

É possível verificar a indignação dos idosos em relação à violência intrafamiliar, quando mencionados os cuidados que tiveram por seus entes em vida e no leito de morte: “nós fizemos de tudo pra ele poder viver né, tudo. Mas tem gente que maltrata né? Eu acho ridículo.” (Idosa 7) (informação verbal).

A família é um lugar de afeto e de cobranças e obrigações, mas ambas as situações estão imiscuídas e interferem mutuamente (FALEIROS, 2007). Nos discursos dos Idosos 1, 2, 4, 6, 9 e 13 aparece o sentimento de amor e de afeto quando questionados sobre a família:

Família é a melhor coisa que tem. (Idoso 1).
A família é do casal, a família é tudo. (Idosa 2).
Família é tudo pra mim [...] (Idosa 4).
Família significa tudo, tudo que é de bom né? (Idosa 6).
Família é tudo. (Idoso 9).
Família é tudo né, é um bloco de seres humanos na mesma casa. Uma família unida, agora, se é uma família desunida com desavenças e tudo, é melhor não ter, seria melhor. (Idoso 13) (informações verbais).

A Idosa 7 fala que a família é “tudo” e enfatiza “se não tivesse filhos, eu seria aqui sozinha, né.” A família também é vista como um lugar de união, cooperação e paz: “família pra mim tem que ser uma família unida, se dar bem com o outro, paz.” (Idosa 8). Ainda dentro dessa visão, a Idosa 5 refere que “a família é tudo, uma pessoa dentro de casa que se comporta, pra mim é tudo, é metade da doença, não tem doença que supere sem a família; não tem jeito, a gente sempre foi uma família sincera, pobre, mas sincera.” (informações verbais).

Algumas situações levam a refletir a respeito de que relações afetivas foram e são possíveis nas famílias na ausência de uma convivência mínima que garanta a manutenção da identidade familiar e o sentimento de pertencimento de seus membros (PENSO; MORAIS, 2009), como visto no relato da Idosa 5: “mãe e pai não tem mais valor; na minha época e agora, com os pais é bem diferente; a gente ouve cada coisa que é triste de ver; vão lá pro asilo, com 12 filhos, isso é justo?” O Idoso 9 também menciona o poder das relações familiares no cuidado ao idoso e refere que a violência contra a pessoa idosa “é uma vergonha” e comenta sobre uma Instituição de Longa Permanência do município “os pais cuidam dos filhos a vida toda, e os filhos jogam lá, abandonam lá, é uma pouca vergonha mesmo.” (informações verbais).

O olhar estigmatizador e negativo da velhice também é observado nos relatos dos idosos:

Como que eles vão dar apoio pros ‘véio’ se eles não têm ensinamento nenhum? Eles têm nojo dos ‘véio’, os ‘véio’ estorvam; e uma vez a gente amava os velhinhos, a gente respeitava, não por obrigação, mas porque a gente era educado, gostava mesmo; hoje os velho estorvam, e eu não entendo o porque, porque é muita liberdade né, é muita liberdade da juventude, das crianças, de tudo. (Idosa 5) (informação verbal).

Pode-se observar que “para os idosos, o uso de drogas lícitas e ilícitas é outro fator para a ocorrência de maus tratos aos idosos na família” (FALEIROS et al., 2009, p. 10), o que pode ser observado pela fala do Idoso 1: “Tá triste [...]”, e expressa que é a “maconha” que faz com que o sujeito agrida e maltrate o idoso. A Idosa 7 menciona que a droga é um dos potencializadores da violência e completa: “se eles não têm dinheiro, eles matam para pode comprar.” O Idoso 9 menciona que o que desencadeia a violência “em primeiro lugar é a droga” e afirma a “falta de caráter” dos jovens quando se trata de matar para comprar (informações verbais). Tortosa (2004, p. 46) complementa que os sujeitos consumidores

de drogas estão predispostos a vitimizarem seus familiares com mais frequência do que aqueles que não utilizam drogas.

Além do uso de drogas propriamente dito, a Idosa 10 referiu-se ao consumo de bebidas alcoólicas como um dos fomentadores da violência. Enfatiza que quem a consome dentro de sua própria casa é seu marido, observando-se maus tratos vindos dele para com a idosa: “É a bebida. Tu pensa que a bebida faz bem pra uma pessoa? [...] a bebida é uma desgraça na família, no mundo inteiro. Acho que quando chega num certo ponto a bebida ‘cozinha os miolo’ e acaba ‘loquiando’, a pessoa fica loca, fica fora das ideia.” (informação verbal).

Chavez (2002 apud MINAYO, 2003) assinala que os agressores físicos e emocionais dos idosos usam álcool e drogas em uma proporção três vezes mais elevada do que os não abusadores. Dentro dessa perspectiva, confirma-se a fala da Idosa 10: “em primeiro lugar ele ganha aposentadoria que nem eu é 10 a 12 litrão de vinho por semana.” (informação verbal). Em uma pesquisa realizada por Anetzberger et al. (1994 apud MINAYO, 2003) foi apontado que 50% dos abusadores entrevistados tinham problemas com bebidas alcoólicas.

O Idoso 13 e sua esposa, a Idosa 12, comentam a falta de respeito e a violência urbana como preceitos para a violência: “por falta da pessoa pensar um pouco antes de ofender a pessoa idosa, trate com carinho” (Idosa 12); “até muitas vezes pela violência urbana, todas essas coisas que tá acontecendo e descarrega em cima dos ‘véio.” (Idoso 13) (informações verbais).

Pode-se verificar a representação da violência na fala dos idosos voltada para a violência financeira, “às vezes é por causa de herança né, a maioria né.” (Idosa 2). Minayo (2005) refere a violência financeira como uma relação de poder que implica pressão sobre o outro para ceder dinheiro, seja por intermédio de chantagem, retenção de salário, pressão para vender a casa e doar a herança, apropriação de compras, entre outros.

Existe, ainda, o olhar errôneo de que os idosos, por serem pessimistas ou por limitarem sua herança para os filhos, são os culpados pelos maus-tratos e violência: “às vezes tem idosos que eles são assim (gestos) dão só pra um e pro outro não dão [...] herança ou ser muito pessimista, não adianta ser pessimista, se tu é gente boa com os filhos, os filhos são gente boa com a gente.” (Idosa 7) (informação verbal).

Ainda dentro desse contexto de herança, o Idoso 11 coloca: “eu criei 11 filhos e dei a parte para todos eles.” Sua esposa, a Idosa 10, argumenta: “até que eles não tinham ganhado a parte deles, eles vinham sempre, depois que ganharam a parte deles, não ‘vimo’ mais ninguém.” (informações verbais).

Além disso, existe a representação pelo desejo de que os idosos morram, o que pode ser observado nas falas dos idosos 3 e 5:

[...] eu acho que eles vão matar todo mundo que..., os “véio”; Agora já tão matando, os idosos tão sem comida, não ganham comida, tem um monte de pessoa idosa que não tem comida; Vai fazer o que, tem que aguentar. O que o idoso vai fazer contra o novato? (Idoso 3).
Eu tenho família aqui que conheço: ó “paiança” tu não sabe de nada, por que tu não morre “véia”? Porque tu não entende nada. (Idosa 5) (informações verbais).

Quanto às expressões de violência e morte, constatou-se violência psicológica e física na relação conjugal entre um casal de idosos entrevistados. Durante a entrevista houve desejos verbalizados de morte por parte dos idosos: “Deus tem que te matar [...]” (Idoso 11); “[...] ele pegou uma forma que ‘tava’ em cima do fogão [...] me largo aquela forma na cabeça, me quebrou os óculos, tá, aí eu tinha a chaleira e larguei uma chaleirada de água nele, ‘ma’ era fria a água e não fez nada” e complementa “não respeitou nem as filhas”, podendo ser observados indícios de violência sexual enraizados dentro do núcleo familiar (informações verbais).

Observa-se que filhos e parentes próximos se afastam de suas responsabilidades e para a violência explícita apenas sugerem: “os filhos diz assim ‘fica no quarto, fica no quarto, fica fechada no quarto que daí o pai não briga’ então, o que eu sou da vida?” (Idosa 10) (informação verbal).

Indícios de abandono e negligência também podem ser observados, em especial, na fala do Idoso 3, quando menciona que os filhos não ajudam nada e “visitam ‘poco, poco, poco’, uma, duas vezes por ano”, ainda coloca: “família é tudo, porque eles têm que ajudar” (informação verbal), podendo ser observada uma visão de que “a família deve ser um local de união e solidariedade, de confiança e afeto, apesar dos conflitos que ela venha a vivenciar.” (FALEIROS et al., 2009, p. 16). Observou-se no caso do Idoso 9, mesmo referindo-se à ideologia de que família é tudo, ficam nítidos os indícios de abandono e negligência em decorrência de sua residência estar suja, com restos de comida e terra espalhados, dando a impressão de não ser limpa há anos.

Verifica-se que a incapacidade de lidar com o processo de envelhecimento por parte dos familiares encontra-se como outro potencializador da violência:

Eu acho que não deveria existir violência né? Só que a pessoa idosa também faz as faltas né, faz os erros, quando esquece alguma coisa, ou coloca alguma coisa no lugar depois não acha e fica braba, fica reinando, “nois” aqui entre “nois” às vezes a gente discute, mas nunca “ficamos” emburrado um com o outro, nunca aconteceu de eu ser violentada, às vezes me xingam mais eles tem razão de me xingar [...] eu não tenho razão, eles têm razão. (Idosa 6) (informação verbal).

Para Saraiva e Coutinho (2012, p. 115), “Frequentemente, diversas expressões da violência e maus-tratos contra a pessoa idosa são tratadas como uma forma ‘normal’ e ‘naturalizada’ de agir, ficando ocultas, nos usos, nas ideias, nas crenças, nos costumes e nas relações entre as pessoas.”

Confirmação de violência física também pôde ser observada, especialmente, no relato da Idosa 8, quando conta que ela e o marido foram agredidos fisicamente pela filha mais velha que reside junto com o casal e menciona: “eu já passei por isso, ainda ‘to’ passando, melhorou um pouco, ‘ma’ que tá difícil tá.” (informação verbal).

É possível observar que a velhice é vista como uma fase de descanso e paz por parte dos idosos, em especial pela Idosa 8: “com essa idade precisamos de descanso e respeito.” Afirmam Faleiros et al. (2009, p. 13) que a representação da velhice como um tempo de tranquilidade foi perturbada pela violência: “eu precisaria morrer para não sofrer mais.” (Idosa 10) (informações verbais).

A impossibilidade de fazer os afazeres domésticos, de conseguir gerenciar as atividades da vida diária de forma efetiva, sem esquecimentos ou constrangimentos, torna a velhice uma fase da vida vista como uma doença por parte de alguns idosos: “a idade traz tanta consequência” (Idoso 13); “já pensou chegar nessa idade? Eu não esperava. Não pensava que a gente perdia assim, a memória o que mais judia a gente é a velhice.” (Idosa 12) (informações verbais).

Diante dos discursos das violências veladas, ficaram notórias as formas particulares para suportar os maus-tratos. É visto que não existem denúncias feitas ante os maus-tratos diretamente pelos idosos, contudo apenas uma idosa verbalizou a ocorrência da denúncia pelos vizinhos, “mas aqui nós temos vizinhos [...] ‘ma’ tem quem enxergava as coisas e denunciaram os filhos pra assistência social, daí a assistência social veio e agora eles têm que vir duas vezes por semana limpar a casa, que nem limpam, né (risadas).” (Idosa 10) (informação verbal).

Ficou claro que “para os idosos, são muitas as razões para silenciar os maus-tratos intrafamiliares. Medo, amor pelos filhos, culpa, vergonha.” (FALEIROS et al., 2009, p. 18). “Eu considero por ele [filho] né, não quero assim, botar fogo na fogueira, se eu contar tudo o que ela faz, que ela é grossa assim comigo, ele não vai gostar, então fico quieta.” (Idosa 12) (informações verbais).

Percebe-se que os modelos de pensamento e de representações acerca da violência para os idosos são compartilhados (FALEIROS et al., 2009). Observa-se que para os idosos o que determina a violência é a falta de religiosidade, o uso de drogas lícitas e ilícitas, a herança e a educação. As representações são fixadas em uma perspectiva negativa de morte, de culpa e de que os idosos estorvam, partilhando um olhar de que o vitimizador tem as razões de provocar a violência e que esse é um processo normal do envelhecimento, uma vez que os idosos são culpados pelas “faltas” que fazem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada foi possível observar a propagação da violência intrafamiliar na sociedade e de como esta afeta diretamente a vida e as representações sociais do idoso. As evidências de violência mascaradas nas falas das vítimas puderam ser observadas.

Conclui-se que a violência intrafamiliar está articulada com todas as formas de violência, formando uma relação conflituosa, complexa e viciosa. As crenças religiosas e os valores familiares estão enraizados e muito presentes nas falas dos idosos, sendo possível observar que para os idosos a família significa tudo, confirmando a ideologia de que o ambiente familiar deve ser provedor de paz, amor, segurança e cuidados, contudo a violência que se propaga cessa a esperança de que a velhice seria um tempo de paz, descanso e cuidados. A vergonha e a culpa por pensarem ser os responsáveis pela prática da violência são escondidas pelos sentimentos mascarados de dor e tristeza.

A violência intrafamiliar é uma das questões mais complexas (FALEIROS et al., 2009) de enfrentamento diante das políticas de proteção ao idoso, pois se encontra vinculada a crenças e valores familiares, em uma perspectiva de proteção pelo vitimizador e normalização da violência na velhice pela vítima.

Diante desses resultados, torna-se indispensável preparar a sociedade que envelhece para que possa ter um envelhecimento saudável e com qualidade de vida, tornando-se crucial conscientizar a juventude quanto ao envelhecimento saudável e àquele que provém de doenças e cuidados secundários, sensibilizando-os para a extinção da violência contra a pessoa idosa. Ademais, faz-se necessária a criação e melhoria das políticas públicas que visam à proteção, ao cuidado e à prevenção a todas as formas de violência praticadas contra a pessoa idosa.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Carla Maria Lobato. Rompendo o silêncio: uma breve análise sobre a violência familiar contra idosos em São Luís, Maranhão. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo: PUC, v. 11, n. 2, p. 81-94, 2008.
- BRASIL. **Constituição**. Emenda Constitucional n. 229, de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência Intrafamiliar: Orientações para Prática em Serviço**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2001.
- FALEIROS, Vicente de Paula. **Violência contra a Pessoa Idosa: Ocorrências, vítimas e agressores**. Brasília, DF: Universa, 2007.
- FALEIROS, Vicente de Paula et al. **O Conluio do Silêncio: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa**. São Paulo: Roca, 2009.
- FERRETO, Lirane Elize. Representação Social no Envelhecimento Humano. In: MALAGUTTI, William; BERGO, Ana Maria Amato. **Abordagem Interdisciplinar do Idoso**. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. p. 23-36.

GOMES, Maria Cristina; OLIVEIRA, Andreza Alves de; ALCARÁ, Adriana Rosecler. **Entrevista: Um Relato de Aplicação da Técnica**. Seminário em Ciência da Informação. Londrina, 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/viewFile/359/175>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 2001.

MAIA, Gabriela Felten da; CASTRO, Graciele Dotto; JORDÃO, Aline Bordin. Ampliando a Clínica com Idosos Institucionalizados. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 193-210, mar. 2010.

MINAYO, Maria Cecília. Violência contra Idosos. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 3, p. 783-791, 2003.

MINAYO, Maria Cecília. **Violência contra Idosos: O avesso do respeito à experiência e à sabedoria**. 2. ed. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais. Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL. **Violência contra o Idoso**. Santa Catarina, [2017?]. Folder.

PENSO, Maria Aparecida; MORAIS, Ivalda Alves de. O Ciclo da Violência em Famílias com Idosos. In: FALEIROS, Vicente de Paula. **O Conluio do Silêncio: A Violência Intrafamiliar contra a Pessoa Idosa**. São Paulo: Roca, 2009. p. 47-62.

REIS, Luana Araújo dos et al. Expressão da Violência Intrafamiliar contra Idosos. **Acta Paul Enferm.**, v. 27, n. 5, p. 434-439, 2014.

SÃO PAULO. Secretaria de Saúde. **Caderno de Violência contra Pessoa Idosa: Orientações Gerais**. São Paulo: SMS, 2007.

SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. A Difusão da Violência contra Idosos: Um olhar psicossocial. **Psicologia & Sociedade**, João Pessoa, v. 1, n. 24, p. 112-121, 2012.

TORTOSA, Juan Muñoz. **Personas Mayores y Malos Tratos**. Madrid: Pirámide, 2004.